

Obras citadas

(No texto já foram indicados mais livros, cujos titulos julgamos desnecessario repetir aqui)

Relaçam da entrada publica que fez em Paris aos 18 de Agosto de 1715 o E. Sr. Dom Luiz da Camara Conde da Ribeyra Grande etc. Paris, 1715, por Alexandre de Gusmão, secretario do embaixador. Folheto de 23 pag., que foi approved pelo Conde, antes de ser publicado, como nelle se declara.

Não existe na Bibliotheca Nacional, mas conseguimos consultar um exemplar d'este trabalho, rarissimo, que amavelmente foi posto ao nosso dispor pelo Sr. Dr. Xavier da Cunha, a quem somos muito reconhecidos, por este e varios outros favores que S. Ex.^a nos tem dispensado.

Noticia da entrada publica que fez na Corte de Paris em 18 de Agosto de 1715 o excellentissimo Senhor D. Luiz Manoel da Camara, etc. Lisboa, 1716. Folheto de 14 pag. Apareceu anonymo, mas é attribuido á Ignacio Barbosa Machado. Existe este na Bibliotheca Nacional, onde tambem estão mais as seguintes obras que consultámos:

Mercure Historique et Politique—contenant l'etat present de l'Europe, ce qui se passe dans toutes les Cours, etc. A la Haye. Tomo LIX, em que estão contidos os numeros referentes aos meses de Julho a Dezembro de 1715, pag. 321, iv-4, *in fine*. Traz apenas uma rapida noticia.

Lettres Historiques: Contenant ce qui se passe de plus important en Europe, Et les Reflexions necessaires sur ce sujet. Tomo XLVIII, que comprehende os meses de Julho a Dezembro de 1715. Impresso em Amsterdam, «chez Jaques (sic) Desbordes», pag. 295. Mês de Setembro—Carta iv—Affaires de France. Paris. Traz uma noticia com regular desenvolvimento, que parece ser um resumo do trabalho de Gusmão. Quem sabe se foi elle proprio quem forneceu elementos ao redactor do jornal?

Junqueira, Julho de 1906.

ARTHUR LAMAS.

Estudos sobre a epoca do bronze em Portugal

No estado actual da sciencia seria prematuro emprender qualquer estudo systematico sobre a epoca do bronze em Portugal. O melhor que tem de se fazer é publicar monographias ou notas sobre objectos avulsos, thesouros, estações archeologicas e espolios funerarios —, embora acompanhadas, quando a occasião o permittir, de considerações ethnographicas.

Inauguro hoje no *Archeologo* uma secção nesse sentido, á maneira do que já no mesmo jornal se fez com relação a outros assuntos. Referir-me-hei em especial á collecção de objectos de bronze (e cobre) exis-

tente no Museu Ethnologico, que é, como penso, a mais abundante que ao presente ha em Portugal; mas não deixarei de recorrer a colleções estranhas a elle.

Tanto a respeito de outros países¹, como do nosso em especial², tendem os archeologos para reconhecer que o uso do bronze propriamente dito foi precedido do uso do simples cobre. Sem procurar pôr-me em desaccôrdo com essa opinião, cuja importancia reconheço, e adeante confirmarei, incluo porém no meu trabalho o estudo dos objectos de cobre puro. Podemos admittir provisoriamente na epoca do bronze um primeiro periodo chamado *do cobre*, como fez Oscar Montelius³, que é quem tem modernamente estudado com mais efficacia o problema da chronologia prehistorica em geral. Todavia este periodo, em certas estações, não se distingue do da pedra, pelo que tambem pôde denominar-se *chalcolithico*, palavra que corresponde perfeitamente a esta ideia⁴.

I

Sepulturas de Santa Victoria, Ervidel e Beringel

No Museu Municipal de Beja existem varios monumentos archeologicos muito interessantes, que convem comparar entre si e descrever juntos. Provém de dois grupos de sepulturas, como vou dizer.

1.º Grupo

As sepulturas que constituem o primeiro grupo appareceram em campos situados entre as aldeias de Santa Victoria e Ervidel, no concelho de Beja. São em numero de tres. Por commodidade da descripção, designá-las-hei por *A*, *B* e *C*.

SEPULTURA A.

Combinando uma noticia publicada n-*O Bejense* n.º 1:659, de 22 de Outubro de 1892, com umas informações que o fallecido José Um-

¹ Vid. Much, *Die Kupferzeit*, 2.ª ed., 1893.

² Vid. Estacio da Veiga, *Antig. mon. do Algarve*, III-IV, onde se pronuncia manifestamente pela existencia de uma idade do cobre. O Dr. Santos Rocha sustenta nas *Memorias sobre a antiguidade*, pp. 111 a 140, na *Portugalia*, I, 132, 341 e 342, e no *Boletim da Sociedade* do seu nome, n.º 3, p. 56 sqq., a existencia d'essa mesma idade. Nas *Religiões da Lusitania*, I, 72 sqq., expus o estado da questão até 1897.

³ In *L'Anthropologie*, XII, 610.

⁴ Vid. *Religiões da Lusitania*, I, XXXII, nota 2.

belino Palma, de Beja, teve a bondade de me dar, apuro o seguinte, Procedendo-se a escavações na estrada que de Santa Victoria segue para Ervidel, encontrou-se uma sepultura, de 1^m,060 de comprimento. toda forrada de lousas. Dentro d'ella estava «um esqueleto encolhido» (palavras textuaes do informador), com estes objectos ao pé: um faím, curto, de metal¹; e dois vasos de barro,—objectos que foram adquiridos pelo Sr. Antonio Lourenço Rita².—O faím perdeu-se; e os dois vasos offereceu-os o Sr. Rita ao Museu Municipal de Beja, onde hoje se acham.

Foi pena perder-se o faím, pois da sua fôrma poderiam tirar-se algumas conclusões ethnographicas.

Eis aqui na fig. 1.^a e na fig. 2.^a (*a* e *b*), ambas em metade do tamanho natural, desenhos dos vasos que tem no Museu de Beja respectivamente os n.^{os} 14 e 50.

O vaso da fig. 1.^a é bojudo e de barro avermelhado, com ornatos no bojo. Infelizmente está falho na sua metade superior; não podemos saber se ahi havia uma asa ou não.

O vaso ou taça da fig. 2.^a é de barro avermelhado, revestido de camada de verniz preto. O fundo é convexo, e o bojo apresenta larga depressão artistica em toda a volta, o que tudo se vê claramente do desenho. Na fig. 2.^a—*a* mostra-se o vaso de pé. A fig. 2.^a—*b* representa o fundo do mesmo vaso ou taça, olhado pelo lado interno, onde está um ornato. Este ornato consta de duas estrellas sobrepostas, cada uma de quatro raios; o conjunto das duas estrellas dá ao repente o aspecto de uma unica de oito raios. No centro d'ellas existe uma depressão digital; em volta ha um ornato.

SEPULTURA B.

Esta sepultura, a que tambem se refere o citado numero d-*O Bejense*, descobriu-se em Outubro de 1892. Diferença-se da outra em não ser forrada; mas continha, como ella, um vaso ou taça que se vê

¹ O povo quando diz *metal* entende geralmente cobre, bronze ou latão.

² Dizem que tambem ahi appareceu uma moeda em que se via uma «aguia de asas abertas». Ha de certo engano na informação, pois a sepultura, como veremos, é de epoca anterior á existencia de moedas. A moeda de que se trata seria talvez de *Myrtilis* ou de *Murgis*, ou porventura de *Corduba* (aguia legionaria), mas appareceria noutras condições. Esta moeda consta que foi utilizada por um filho do Sr. Antonio Lourenço Rita para alfinete de gravata, o qual depois se extraviou.

representado na fig. 3.^a (*a* e *b*). É de barro avermelhado, revestido de uma camada de verniz. A fig. 3.^a-*a* mostra o vaso de pé, d'onde se vê que o vaso é analogo ao da fig. 2.^a A fig. 3.^a-*b* mostra o fundo, que é ornado com uma estrella ou cruz de quatro raios sobreposta numa cruz, de modo que os raios ou braços da primeira cortam os angulos da segunda. Este ornato tem certa semelhança com o da fig. 2.^a-*b*, embora lhe falte a depressão central. O vaso foi adquirido pelo Sr. Manoel Lourenço Rita, que o deu ao Sr. Tavares Lança, o qual por sua vez o doou ao Museu de Beja, onde tem o n.º 24.

SEPULTURA C.

A sepultura *C*, segundo me informou José Umbelino Palma, foi descoberta em 1868. Estava junto da aldeia de Santa Victoria, numa coirella pertencente ao Sr. Antonio Correia. Era de tijolo e continha ossos humanos e uma taça de barro, que hoje se guarda no Museu de Beja, na sala de «A. Doria» onde tem o n.º 59. Vae representada na fig. 4.^a em tamanho natural. A taça é tambem de barro vermelho, revestido de verniz preto. A sua fórmula é analoga ás dos vasos das fig.^{as} 2.^a e 3.^a Differe porém dos vasos representados nestas figuras em não ter ornatos nenhuns.

A sepultura estava coberta com uma lage de schisto, de que se vê no Museu, sala de «Gomes Palma», sob o n.º 21, um fragmento que tem de altura uns 0^m,95, de largura uns 0^m,55 e de espessura uns 0^m,06. Este interessante fragmento tem ornatos em alto relevo, como se mostra na fig. 5.^a Á esquerda (com relação ao observador) vê-se uma espada embainhada, junto de cuja parte superior ha uns traços, que representarão correias (lat. *balteus*, port. *boldrié* ou *talim*), e junto de cuja parte inferior está a figura de um machado, certamente encabado, a julgar da extensão da haste. No centro representa-se um objecto que ou pôde ser arco de arremessar flechas, ou machado, cujo cabo seria a haste que o atravessa perpendicularmente; admittida a hypothese do arco (que me parece a mais provavel), esta haste seria um cabo de lança. Á direita vê-se um machado encabado, mas diverso do primeiro.

2.º Grupo

As outras sepulturas de que tenho de falar appareceram em 1892 em Trigaxes, freguesia de Beringel, tambem no concelho de Beja, em um ferragial pertencente ao Sr. João dos Santos Junior. Designá-las-hei respectivamente por *D* e *E*.

SEPULTURA *D*.

Não pude obter informações acêrca da sua estructura. Apenas apurei que continha ossos humanos fragmentados e uma chapa de bronze analoga a uma moeda completamente obliterada¹.

A tampa, porém, que a cobria, e de que está no Museu de Beja um fragmento (n.º 22 da sala de «Gomes Palma»), é, como o da sepultura *C*, muito importante, por causa dos ornatos que contém. Estes ornatos são também em alto relevo. A tampa é de schisto, como as outras, e tem estas dimensões: altura uns 0^m,72; largura uns 0^m,35; espessura uns 0^m,02. Vae representada na fig. 6.^a Ao centro vê-se uma espada completa, embainhada, que differe, nos copos, da da fig. 5.^a; na sua parte superior ha umas curvas que no meu entender representam também um boldrié ou talim. Aos lados da espada vê-se, em baixo, á direita, um objecto rectangular, em fôrma de grelha ou grade, que não sei o que representa (para ser fivela, é muito grande em proporção com a espada e com o que julgo ser boldrié; em escudo ninguém pensará); á esquerda vê-se um instrumento em fôrma de gancho duplo.

SEPULTURA *E*.

Disseram-me que nesta sepultura tinha apparecido o objecto de ferro representado, com o n.º 27, na panoplia 3.^a da sala de «Gomes Palma», no Museu de Beja; não creio porém nesta informação.

A sepultura era coberta com tampa ornamentada como as sepulturas *C* e *D*; está no Museu de Beja um fragmento d'ella (n.º 23 da referida sala), o qual mede pouco mais ou menos 0^m,75 de altura, 0^m,36 de largura e 0^m,03 de espessura. Vae representado na fig. 7.^a². A pedra está bastante maltratada; dos ornatos resta um, que póde indicar um machado ou picareta, com seu cabo (cf. o machado da fig. 5.^a).

*

Como de Beringel ao local em que ficam Ervidel e Santa Victoria ha apenas a distancia de tres leguas, e todas essas tres aldeias ficam

¹ Quem me informou, disse mesmo que tinha apparecido «uma moeda»; mas isto parece-me impossivel.

² O desenho que serviu para a gravura 3.^a foi feito pelo Sr. Maximiano Gabriel Apollinario. Os desenhos que serviram para todas as outras gravuras d'este capitulo foram feitos pelo Sr. Luis Couceiro.

dentro do concelho de Beja, podemos considerar como pertencentes a uma só região as sepulturas supra-mencionadas.

Na sepultura *E* e *D* não se encontraram vasos, como nas outras; a semelhança das suas tampas com a da sepultura *C*, onde appareceram vasos, é evidente; e os vasos de *C* são semelhantes aos das sepulturas *A* e *B*. Logo, todas essas cinco sepulturas, se eram de um mesmo territorio, pertenciam tambem a uma unica epoca e civilização.

II

Sepulturas de Mombeja

Em 1898 estive em Mombeja, aldeia pertencente ao concelho de Beja, aonde fui em companhia do meu amigo Rev. Antonio da Silva Pires, ao tempo prior de Santa Victoria, o qual me apresentou ao Rev. Antonio Maria de Brito, prior de Mombeja.

Percorrendo com estes bondosos ecclesiasticos a povoação, encontrei no pateo da casa de um lavrador, amontoadas a um canto, tres lages de schisto que me chamaram a attenção por conterem varias esculpturas. Tratei immediatamente de as obter e fazer transportar para o Museu Ethnologico.

Aqui represento ¹ e descrevo duas d'ellas; a terceira, que é a menos importante, extraviou-se com as mudanças do Museu, e apenas a posso indicar com um esboço que tomei na occasião em que a obtive ².

Lage n.º 1 (fig. 8.^a).

Tem de comprimento uns 0^m,65; de largura maxima 0^m,27; e de espessura 0^m,035 a 0^m,04. Na parte superior vê-se o desenho de um machado ornamentado na folha com quatro linhas ondeadas e dispostas parallelamente entre si, e no começo do collo com tres linhas mais ou menos rectas, dispostas tambem em direcção parallela. Por baixo d'esta figura vêem-se os copos de uma espada e a parte superior da bainha da mesma; os copos apresentam varios pontos ou pequenos circulos que correspondem a cabeças de pregos que fixavam no metal o revestimento (de coiro, de madeira ou de outra substancia) dos copos.

¹ Os desenhos que serviram para as gravuras que figuram neste capitulo foram executados pelo Sr. Guilherme Gameiro.

² O Museu Ethnologico, antes de occupar o local que hoje occupa, esteve primeiramente no edificio da Academia das Sciencias (parte junto da Direcção Geologica, parte no claustro), e depois na ala do Mosteiro dos Jeronimos onde foi o extincto Museu Agricola. Nestas mudanças não admira que alguma cousa se extraviasse.—Espero, porém, ainda encontrar a lage de que estou falando.

Entre as duas figuras ha uns traços, como nas lages sepulcraes do Museu de Beja acima descritas, os quaes podem representar boldriés.

Lage n.º 2 (fig. 9.^a).

Tem de comprimento 0^m,70; de largura 0^m,48; e de espessura 0^m,035 a 0^m,04. Nesta lage vê-se um desenho que representa certamente parte de uma arma; nada mais porém posso adiantar.

Lage n.º 3 (fig. 10.^a): simples esboço.

O desenho talvez represente tambem uns copos de espada.

*

Estas tres lages, com outras que não continham esculturas, foram encontradas numa fazenda no sitio das Alcarias, que fica a uns 2 kilometros de Mombeja. Serviam de paredes e tampas de sepulturas. Infelizmente não pude, como é de suppor, colher noticias circumstanciadas acêrca d'estas; parece, porém, que as lages esculpturadas constituam as tampas, e as outras as paredes. Disseram-me que dentro havia cinzas; mas provavelmente o que os meus informadores chamaram *cinzas* eram ossos muito moidos.

No mesmo sitio das Alcarias appareceram varios objectos de epoca posterior áquella a que as sepulturas evidentemente pertencem, taes como mós manuarías, fragmentos de tegulas; tijolos grossos em fórma de quarto de circulo.

III

Considerações sobre os objectos de que se fala nos capitulos I e II

A comparação dos vasos e armas figurados nas lousas com objectos congeneres do nosso país e de fóra lançará alguma luz sobre a epoca a que pertencem as sepulturas de Beja.

Os ornatos do vaso da fig. 1.^a são analogos aos que se vêem em um vaso da Bohemia, da epoca do bronze¹; a fórma dos dois vasos differe porém muito uma da outra. Para achar fórma semelhante, é necessario recorrer a um vaso da estação lacustre de Laibach (Austria-Hungria) dos fins dos tempos neolithicos², embora este vaso tenha asa, que falta no nosso, ou porque nunca a teve, ou porque se quebrou. Veja-se tambem a ornamentação de um vaso da *terramare* de Castione,

¹ Hoernes, *Bildend. Kunst*, Vienna 1898, p. 265, fig. 90.

² Hoernes, *Bildend. Kunst*, est. VII, fig. 4.

publicado por G. & A. de Mortillet¹.—Na ornamentação dos vasos da epocha do bronze encontram-se frequentemente ornatos angulares (fr. *chevrons*) e ornatos formados por secções de ovaes concentricas.

Vasos com a fórma dos das figs. 2.^a e 3.^a encontram-se em Portugal em varias estações da epocha do bronze (ou cobre): vid. Estaciõ da Veiga, *Antig. do Alg.*, vol. IV, est. XIII (Algarve); no Museu Ethnologico ha varios especimes. No Megalitho do Facho (Figueira da Foz), onde porém não appareceram objectos de metal e sòmente espolio neolithico, achou o Dr. Santos Rocha tambem um vaso d'este typo, que elle proprio compara com os da primeira epocha dos metaes². O vaso da fig. 4.^a aproxima-se bastante dos das figuras antecedentes. Quanto aos ornatos, lembrarei em Portugal os que se vêem num vaso da gruta chalcolithica de Palmella³, e na Hespanha os que se vêem em vasos da estação de Ciempozuelos (idade do cobre)⁴; na fig. 11.^a represento o fundo de um vaso da estação de Grésine, epocha do bronze, do qual diz Chantre: «avec bouton central d'où partent de quadruples filets formant croix . . Leur ornementation est . . à la partie intérieure, tandis que la partie extérieure est fruste»⁵; esta ornamentação é bem semelhante á dos nossos vasos, só ao botão do vaso de Grésine corresponde no nosso uma depressão. Veja-se alem d'isso a ornamentação de outro vaso de Grésine, e a de um de Parma, ambos da epocha do bronze, figuradas no *Musée préhistorique*⁶.

O primeiro machado que se representa na fig. 5.^a é comparavel a um de bronze, de Plymstock, no condado de Devon (Inglaterra), publicado por Evans⁷; reproduzo-o na fig. 12.^a No Museu Ethnologico não ha nenhum exemplar exactamente igual, mas ha dois que se lhe

¹ *Mus. préhist.*, 2.^a ed., est. xcv, fig. 1247.

² *Antig. da Figueira*, IV, 213, 266 e est. xxv, n.º 318. O vaso de que se trata, descreve-o elle assim: «fórma hemispherica; mas com uma concavidade ou canelura de 0^m,03 de largura em todo o contorno, logo abaixo do bordo, que é ligeiramente inclinado para fóra»; de barro negro, com mistura de espatho calcareo; trabalhado á mão; diametro interno da boca 0^m,14, altura 0^m,065. *Ob. cit.*, p. 213.

³ Cartailhae, *Ages préhist.*, p. 124. Cfr. tambem *Boletim da Soc. Arch. «Santos Rocha»*, I, est. XIII.

⁴ *Boletín de la Academia de la Historia*, XXV, 436-450, est. I-IX.—Ha outras mais analogias entre a ceramica de Ciempozuelos e a de Palmella: vid. sobretudo os vasos das est. VI e VII, dos typos que os italianos chamam *bicchieri a campona*; cfr. Colini: *Rapporti fra l'Italia ed altri paesi*, Roma 1904, p. 12 e 18. Pelo que toca a Palmella, vid. Cartailhae, *Ages préhist.*, p. 123-124.

⁵ *Age du bronze*, Album, Lyon 1875, est. LXIX, fig. 6.^a

⁶ Est. xcv, figs. 1246 e 1252.

⁷ *L'âge du bronze*, Paris 1882, p. 53, fig. 9.

aproximam, e que publico nas figs. 13.^a e 14.^a, provenientes, o primeiro, do Alemejo, onde o adquiri em 1890 (em Estremoz), o segundo, do concelho de Barcellos, onde o adquiriu o fallecido Dr. Costa Rebello, juiz de direito de Monção, que m'o cedeu com outros; em ambos elles a base, cuja extremidade inferior (gume) é curva, revira levemente de cada lado.—Segue-se a representação de uma espada mettida na respectiva bainha. Na obra do Dr. J. Naue, *Die vorrömischen Schwerter*¹, acho representada uma de bronze que lhe é comparavel, e que na fig. 15.^a reproduzo², proveniente de um tumulo de Jalysos: esta espada é semelhante a uma de Mycenae, e datará de cêrca do sec. xv a. C.³.—O segundo machado, que, como disse, está provido de cabo, representa tambem certamente um da epoca do bronze, dos de typo de cunha, tão frequentes no nosso país. Como o cabo d'estes machados devia ser de pau, e por tanto de materia facilmente destructivel, não o poderemos comparar, assim encabado, senão com gravuras analogas; neste sentido remetto o leitor para Hoernes, *Die Urgeschichte des Menschen*⁴, onde se representa um monumento sueco da epoca do bronze com a gravura de um machado provido de cabo; reproduzo-o na fig. 16.^a Dá-se a coincidencia de este machado ser parecido com os nossos das figs. 13.^a e 14.^a

Passarei agora á fig. 6.^a Dos tres objectos aqui representados só tenho de me referir á espada, porque os outros, como disse, são indefiniveis, pelo menos para mim. Se imaginarmos desembainhada a espada, poderemos compará-la, quanto aos copos, á da fig. 17.^a, extrahida da citada obra do Dr. Naue, *Die vorrömischen Schwerter*, est. XI, n.º 4; esta espada, que é de bronze e provém da estação lacustre de Forel (Suíça), fórma transição para as espadas da epoca de Hallstatt (1.^a idade do ferro)⁵.

O instrumento esboçado na fig. 7.^a, se representa um machado, é comparavel, em certo sentido, ao da fig. 5.^a; se representa uma picareta, poderemos talvez aproximá-lo dos instrumentos de cobre da Servia que Hoernes reproduz no seu citado livro, e que elle chama *Streitaxte* «achas de armas» (ant. «fachas d'armas»)⁶: vid. fig. 18.^a Cfr. G. & A. de Mortillet, *Musée préhist.*, est. XCIX, n.º 1333 (Hun-

¹ Munich 1903, com um Album em separata.

² Vid. o Album, est. v, fig. 4.

³ *Die vorrömischen Schwerter*, pp. 10-11.

⁴ Vienna 1892, p. 389.

⁵ Naue, *ob. cit.*, p. 26.

⁶ *Die Urgeschichte des Menschen*, p. 337.

gria). Em Portugal não conheço instrumentos de bronze semelhantes a estes.

Na fig. 8.^a temos a folha de um machado, e a parte superior de uma espada. Machados de bronze d'este typo, com a folha ornamentada, são correntes no Norte da Europa: vid. figs. 19.^a (condado de Sussex, — Inglaterra), 20.^a (Dorsetshire, — Inglaterra), extrahidas de um livro de Evans¹; e figs. 21.^a (Rosenfors, — Suecia) e 22.^a (Dinamarca), extrahidas de um livro de Chantre². Espada de bronze, de typo semelhante ao que se revela no fragmento do desenho, possui uma o Museu Ethnologico, proveniente do concelho de Obidos: vae representada na fig. 23.^a (na sequencia d'estes artigos voltarei a ella).

O objecto representado na fig. 9.^a parece-se com os cabos de certos punhaes da epoca do bronze (cfr. *Musée Préhistorique*, de G. & A. de Mottillet, est. LXXIII, n.^{os} 837 e 838), mas é grande de mais.

O objecto representado na fig. 10.^a é, como creio, comparavel a um dos da fig. 6.^a, de que falei acima.

*

As curtas notas que ahi deixo e os desenhos que as acompanham são sufficientes para provarem que os objectos de que tratei nos cap. I e II, vasos de barro e lousas sepulcraes, pertencem á epoca do bronze, pois que se assemelham a objectos caracteristicos d'ella.

As lousas cobriam evidentemente campas de guerreiros; e, se nos dão conta de um interessante uso funerario, mostram ao mesmo tempo que tambem chegaram a Portugal, vindos do Centro e Norte da Europa, alguns dos bons productos da civilização d'aquella epoca. O machado representado na fig. 8.^a é, por exemplo, um dos taes productos.

IV

Lousa de Marmeleite

Ha annos vi no Museu Archeologico da Figueira da Foz um fragmento de lage, com umas esculturas, que me chamou muito a attenção. Tendo obtido do digno conservador e fundador d'aquelle Museu, o Sr. Dr. Santos Rocha, um desenho d'elle, e autorização para o publicar, aqui o represento na fig. 24.^a É de schisto, e tem as seguintes dimen-

¹ *L'âge du bronze*, 2.^a parte, Paris 1875-1876, fig. 14 (p. 57) e fig. 124 (p. 290).

² *Age du bronze*, Lyon 1875, parte 1, fig. 33 (p. 52) e fig. 14 (p. 41).



Fig. 1.ª
Vaso do Museu de Beja (1/4)



Fig. 4.ª
Vaso do Museu de Beja (1/4)



Fig. 2.ª
Vaso do Museu de Beja (1/4)

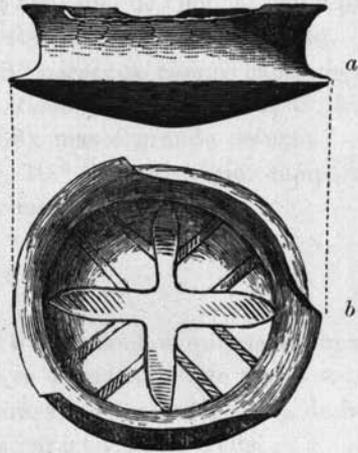


Fig. 3.ª
Vaso do Museu de Beja (1/4?)

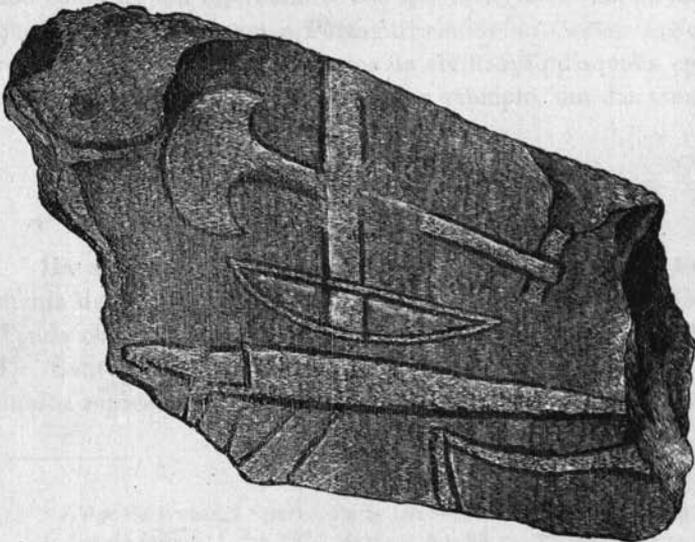


Fig. 5.ª
Lousa sepulcral do Museu de Beja



Fig. 6.ª
Lousa sepulcral do Museu de Beja



Fig. 7.ª
Lousa sepulcral do Museu de Beja

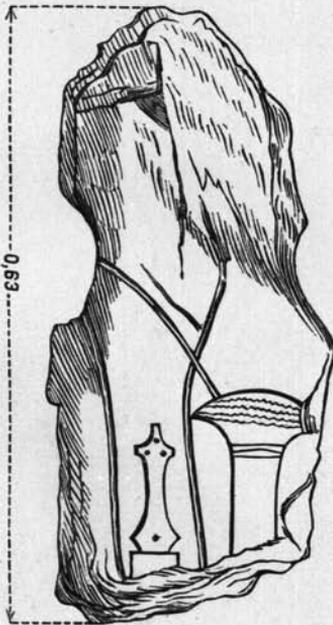


Fig. 8.ª
Lousa sepulcral do Museu Ethnologico (2/3)

Moulceja

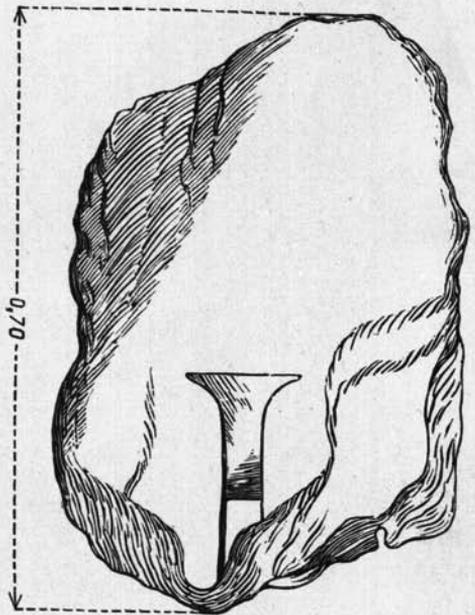


Fig. 9.ª
Lousa sepulcral do Museu Ethnologico

Moulceja

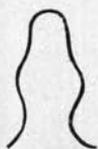


Fig. 10.ª
De uma lousa sepulcral
do districto de Beja

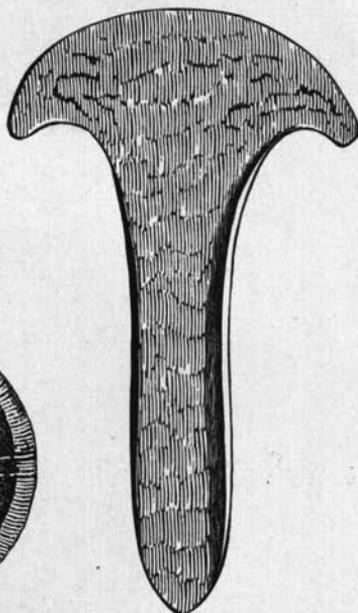


Fig. 12.ª
Machado de bronze
de Plymstock (Inglaterra)

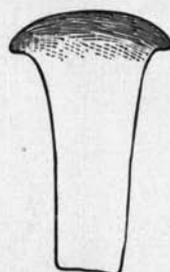


Fig. 13.ª
Machado de bronze,
ou cobre, do Alemejo
(no Museu Ethnologico)

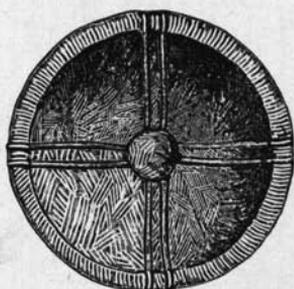


Fig. 11.ª
Fundo de um vaso de Ciempozuelos
(Hespanha)

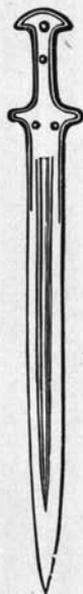


Fig. 15.ª
Espada de bronze
de Jalyos

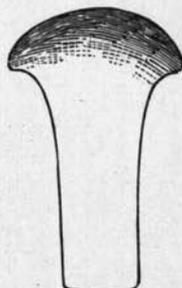


Fig. 14.ª
Machado de bronze, ou cobre,
de Barcellos (no Museu Ethnologico)

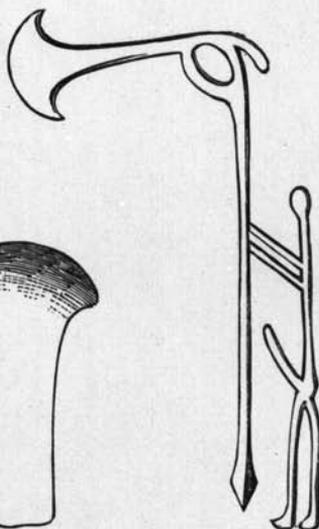


Fig. 16.ª
Gravura sueca
da epæa do bronze

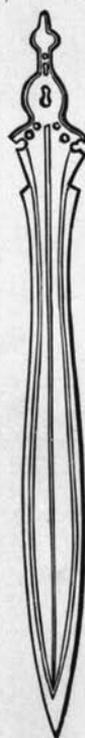


Fig. 17.ª
Espada de bronze
de Forel

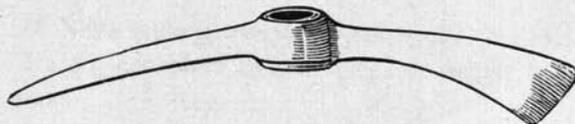


Fig. 18.ª
Instrumento de cobre da Sérvia

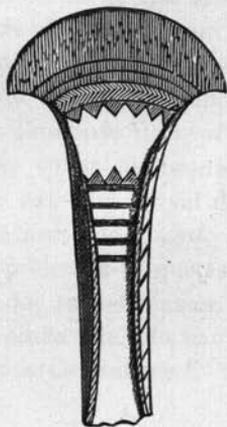


Fig. 19.ª
Machado de bronze de Sussex

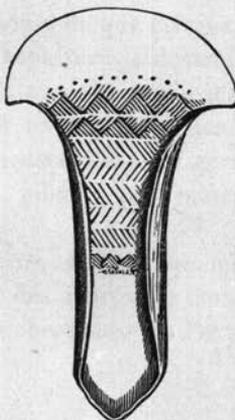


Fig. 20.ª
Machado de bronze de Dorsetshire

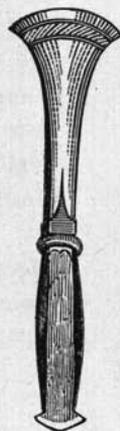


Fig. 21.ª
Machado de bronze de Rosenfors

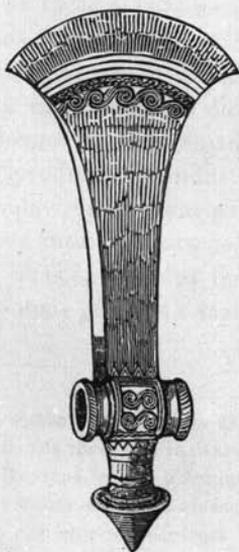


Fig. 22.ª
Machado de bronze da Dinamarca



Fig. 23.ª
Espada de bronze de Obidos



Fig. 24.ª
Lousa de Marnetele (Algarve)

sões: $0^m,45 \times 0^m,20$. Nelle estão gravados objectos que, em vista do que disse nos cap. I a III, considero extremidades de armas, e certamente armas de bronze.

A respeito da proveniencia d'este fragmento lapidar diz-me o Dr. Santos Rocha, em carta de 6 de Dezembro de 1905, que o encontrou no Algarve, no Monte Amarello, concelho de Lagos, onde cobria um cortiço de abelhas; o dono informou-o de que o trouxera de Marmeleto, concelho de Monchique, de uma sepultura já destruida.

Sendo, como supponho, justa a minha explicação, achamos que o costume funerario de representar na cobertura das campas dos guerreiros da epoca do bronze as armas d'estes vigorava em uma área bastante extensa, no sul do país, pois ia, pelo menos, desde perto de Beja até perto de Lagos.

Compreende-se que tal costume existisse, quando é certo que, por outro lado, se collocavam junto dos mortos as suas proprias armas; todavia ainda elle não havia sido observado em Portugal como vigente em tempos tão antigos¹.

J. L. DE V.

Tapetes de Arraiolos

Restituídos á evidencia pelo gosto, hoje tão generalizado, do *bric-à-brac*, os tapetes bordados de Arraiolos não estão ainda devidamente estudados. Como nesta revista (vol. VI, n.º 1) disse já o illustre escritor e critico de arte, o Sr. Joaquim de Vasconcellos, nem a sua polychromia está rigorosamente definida, nem os varios schemas do desenho methodicamente determinados, nem caracterizada a distincção entre os que são producto da industria caseira popular, e os bordados em conventos, que reproduzem padrões mais ou menos correctos e eruditos.

O meu intuito, nesta nota, não é realizar esse estudo,—interessantissimo, aliás, porque as industrias populares e tradicionaes são o documento mais genuino e mais authentic do genio esthetico de um povo,

¹ De então para cá, pelo que toca á antiguidade, só tornamos a achar o costume entre nós na epoca lusitano-romana. Em Hespanha é que, do tempo das inscripções ibericas, existe o fragmento de una interessante *tabula lapidea* que sem dúvida pertence á mesma classe de monumentos, pois, conjuntamente com um leitreiro em caracteres indigenas, tem gravadas cinco folhas de lanças; appareceu em Cretas (Aragão), e foi publicado nos *Monum. ling. Ibericae*, de Hübner, p. 151, n.º XVIII, e no *Boletín de la Acad. de la Hist.*, t. XXVI, p. 492.